



LEI Nº 6944 DE 13 DE ABRIL DE 1992.

DENOMINA "DR. JOSÉ EMMANUEL TEIXEIRA DE CAMARGO" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica denominada "RUA DR. JOSÉ EMMANUEL TEIXEIRA DE CAMARGO" a Rua 08 do Jardim Santa Rosa, com início na divisa oeste do loteamento e término na divisa leste do mesmo loteamento.

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 13 de Abril de 1992.

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal

PROCESSO N.º 69616
68192



UM DRAMA QUE DESASSOSSEGOU

— PAULO LEMOS —

Campinas, há dias, contristada, tomou conhecimento de que o doutor José Emanuel Teixeira de Camargo, mais conhecido no rol dos seus amigos e clientes, por doutor Zené, havia se hospitalizado em estado grave de saúde, no hospital da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência local. A notícia, como, aliás, sucede com todas as informações de procedência indeterminada e tétrica, tomou dimensões assustadoras, especialmente, no caso desse médico excepcional e humano, que fez da profissão um exemplo apostolar de amor ao próximo, sob a inspiração de uma medicina irradiante de beleza, na prática de servir. De uma medicina sem mercantilismo e, sobretudo, de alta sensibilidade científica. Daí a razão, prezado leitor, do desassossego que notamos por toda a parte, onde a infausta notícia havia se propagado. Hoje, felizmente, reduzidas as proporções desse caso às mínimas consequências, sob o zelo e proficiência operatória de Aboim Gomes, podemos dizer aqui, a Campinas e a Limeira, cujo povo tanto admira o doutor Zené, que ele, realmente, já se encontra restabelecido da luta que travou nos domínios do imponderável. Nós que o conhecemos há mais de 30 anos, que o acompanhamos com admiração no terreno profissional, pudemos, também, acompanhar com ansiedade, contando os minutos do drama intensíssimo que a legião de seus amigos e clientes assistiu nesses dias de tanto desassossego. Diante do evento, cujo noticioso, por si só, justifica a satisfação de seus amigos e clientes pela sua felicíssima recuperação, aqui deixamos, mais uma vez, a nossa homenagem ao ilustre médico, através da reprodução de um artigo que sobre si, escrevemos no dia 6 de setembro de 1970. Aprenda, prezado leitor, e o retrato vivo de seu comportamento profissional:

"Doutor José Emanuel Teixeira de Camargo

Acostumado a contemplar com a sensibilidade dos olhos e a afetividade do coração, as figuras humanas que tantos benefícios oferecem à comunidade no meio da qual vive prodigalizando o bem no exercício de suas atividades profissionais, aprendi a distinguir na clareza meridiana da verdade, o autêntico valor humano na prática inconfundível dos seus cometimentos. Muitos conheci profundamente, por injeção profissional, através da minha andança por este Brasil à fora, mas nenhum jamais excedeu em méritos, em bondade, em saber profissional e cavalheirismo, ao doutor José Emanuel Teixeira de Camargo. Conheci-o, por sinal, não em Campinas, sua terra natal, mas, em Limeira onde, como aqui, é patrimônio vivo da cidade com residência fixa no coração do povo. Se 1945, data em que pela primeira vez adentrei em seu consultório particular, para levar-lhe uma nova aquisição científica do laboratório que então representava, o seu nome já era proclamado por toda a parte como apóstolo de uma profissão, cuja história, hoje, infelizmente, tanto se deturpou pelo mercenarismo de uns e pela incompreensão injustificável de outros. Sua vida, toda dedicada à pesquisa,

numa vocação beneditina de melhor auscultar as doenças humanas, é conhecida por toda parte, notadamente nesta cidade que lhe serviu de berço e que, hoje, se ufana de tê-lo como modelo de probidade profissional e como exemplo de cidadão identificado com as agruras do próximo. Sua presença no consultório todos os dias onde, com hora marcada com meses de antecedência, atende a legião de clientes que o procuram, com a afabilidade de um gentleman e a segurança de um mestre, é fato público no rol de seus amigos que o admiram e que tanto, também, reconhecem o seu conhecido e comentado desprendimento. De fato, esta sua desambição por unária é, positivamente, surpreendente. Se de um lado a sua satisfação é toda voltada para o cliente na solução dos seus problemas de saúde, de outro, a sua pretensão com os honorários, que possa usufruir no término de cada dia, se restringe no máximo na contabilidade do número de consultas. Isto é, realmente, inédito numa fase difícil de vida que o mundo atravessa, com os honorários de um cientista de gabarito extraordinário como o é José Emanuel Teixeira de Camargo. Valores humanos, portanto, não se definem pela aparência, nem pela posição que ocupam.

Valores humanos são exatamente os que na comunidade onde vivem, servem a seu próximo como a si mesmos. Exemplo tivemos há poucos dias, com a atitude humaníssima do senhor Presidente da República ao tornar realidade, depois de um quarto de século, a idéia da integração social dos trabalhadores nos lucros das empresas. Sua exclamação não precisou fazer demagogia para converter esse velho sonho em realidade. Fe-lo espontaneamente e de forma decisiva, ao contrário dos políticos demagogos que tudo prometem, mas que, neste quarto de século, só serviram para enterrar a aplicação dessa intransferível necessidade social. Ai está uma atitude clara e inofismável que bem configura o caráter de sua exclamação. O mesmo acontece com José Emanuel Teixeira de Camargo. Com a diferença apenas, de um servir à Nação como o seu Chefe supremo e outro, dentro do seu mundo científico, enclausurado entre quatro paredes de um consultório médico, na solução das doenças das pessoas aflitas que o procuram. Queira Deus que exemplos assim sejam conhecidos de público. Não interessa quem os divulgue.

O que interessa é que esses valores humanos sejam lembrados pela gratidão do mundo. O que interessa é vê-los na plenitude da verdade, abençoados por Deus e pelo amor do próximo. . . . **NOTA: O ARTIGO ACIMA TRANSCRITO, DE CUJA PUBLICAÇÃO NÃO GUARDAMOS CÓPIA, FOI REPRODUZIDO DE UM QUADRO EXPOSTO NA CONCEITUADA FARMÁCIA E DROGARIA SÃO LUIZ DESTA CIDADE, EM BAIXO DO QUAL HA A SEGUINTE DECLARAÇÃO DO SEU PROPRIETARIO:**

"A afixação deste artigo nesta farmácia para conhecimento do público, significa que estamos solidários com o articulista, no bom e justo conceito que faz sobre o Dr. José Emanuel Teixeira de Camargo. Trata-se, realmente, de um médico humano e excepcional. Campinas, setembro de 1970 (a) João Gotardo Labigaliní."



Doutor Zené

Paranhos de Siqueira

também, aos ricos que o procuram em meu nome.

— Não é por eles, que são clientes. É por você, que é meu amigo. — diz ele.

Assim é, para mim o Zené: o recurso daqueles que não têm recursos. O médico que sofre com o sofrimento de seus doentes. Sua vida se divide entre a labuta diária do consultório, com consultas marcadas até ao fim do ano, e o conchego do lar que tem, para ele, o sentido místico de um santuário. Além desses dois ambientes, ele não conhece mais nada em Campinas: um clube, um cinema, uma sessãozinha de buraco — nada.

Certa vez, perguntel-lhe por que não ia à Europa, aos Estados Unidos. Por que não ia, enfim, espílar, lá fora, a paisagem livre do mundo, que ele não vê, aqui dentro. E ele, botando a mão no meu ombro e os olhos em meus olhos, respondeu: — Não fui ontem, não irei hoje. E abrindo-se num sorriso de pena conformada.

— Você já imaginou, por exemplo, que trabalhão teria a Maria Olenka para ir azer, de longe, um defuntão deste porte?

Assim tem vivido o Zené: para a sua clínica, que é o seu trabalho; e para o seu lar, que é a sua alegria. E nesse lar que ele completa, hoje, repito, mais um ano de vida.

Que Nosso Senhor — Aquele que pôs o cântico no bico dos pássaros e o aroma na corola da flor — o abençoe, hoje e sempre. Que lhe dê, em alegria e felicidade, a felicidade e a alegria que ele me tem dado, como médico e como amigo, ao longo da vida, nos caminhos cruzados deste mundo, pelos quais vimos juntos, nos momentos de amargura nas horas de festa. — Assim seja...

O dr. José Emanuel Teixeira de Camargo — o Zené da minha devoção — está fazendo anos hoje. Mas a data é menos dele do que nossa, dos seus amigos.

Há perto de trinta anos vimos, ele e eu, repartindo, na edícula do nosso coração, a hostia da estima-lrma que nos une. Antes de meu médico com "M" grande, ele é meu amigo com "M" máiusculo. Eu vivo os sustos dele no cotidiano de sua vida de homem de ciência. Ele vive, como gerente da usina de açúcar que trago no sangue; e sobretudo, como médico da minha casa, da minha família, os meus dramas de corpo e de espírito.

Ao lado de sua clínica diária, ele possui uma clínica paralela — aquela que nada paga e que tudo recebe dele: a receita, a amostra do remédio e, algumas vezes, quando não há a amostra, o próprio dinheiro para o aviação da receita.

Pertença, repito, há quase três décadas, a essa, a privilegiada da sua clínica. Zené não tem, praticamente, hora, em seu consultório, para mim. Porque, se eu necessitar, todas as horas dele são minhas. Por isso mesmo é, quase sempre, comovido de olhos cheios d'agua, que compareço à sua consulta — uma consulta que atravesse todas as outras e que se transforme, sempre, lá dentro da sua tenda de sacrifícios, em longa e afetiva conversa de irmão para irmão. E vêm as confidências mútuas. E o momento em que ele, cansado de corpo, descansado também, um pouco, o espírito. O momento da fuga mental, da estrada vicinal que o tira do ambiente de Dor e de queixa em que passa o dia, para levá-lo, em vóos de alma, ao espaço aberto da Vida, em que ele vive ordinariamente fechado.

Muitas vezes, mando à sua consulta clientes ricos. E ele, que nada cobra aos pobres que lhe envio, deixa de cobrar,

Diário do Povo — Quarta-feira, 3 de agosto de 1960

Homem de Ciência

Paranhos de Siqueira

S. PAULO, 3 — Entre os ofícios a que, por força das circunstâncias, fui levado a praticar na vida, destaco, com assomos de saúde e simpatia, o de representante de drogas farmacêuticas. A essa função, na verdade penosa, e para a qual — é preciso que se diga — eu tinha acentuados pendores de espírito, devo os maiores amigos que possuo, ainda hoje, no corpo da sociedade campineira.

Havia médicos que não recebiam representantes de drogas. Mas eu os visitava. E se, no decurso dessas visitas, falávamos pouco de remédios, de colágenos, de antiespasmódicos, de antibióticos, não deixávamos de falar sobre política, sobre letras, sobre artes e assuntos sociais. Nenhum deles prestava grande atenção aos folhetos de propaganda que a gente lhe entregava. Pergava, aquilo apenas por dever de profissão. E derivava, logo, a conversa para a posição da Ponte Preta ou do Guarani na tabela do campeonato; ou para as probabilidades de vitória dos cavalos que correriam no domingo seguinte.

Eu já estava habituado com aquilo. Certo dia, passando pela rua Regente Feijó, entre Treze de Maio e Campos Sales, topel, aí, num batente de porta, com a placa nova de um médico novo. Chamava-se José Emanuel Teixeira de Camargo. Entrei. Subi um estirão de escadas. E fui recebido pelo homem. Moço, rosto de artista cinematográfico, deu-me ele a melhor das impressões. Espantou-me, desde logo, a atenção mugulmana que ele prestava às explicações que eu lhe dava a respeito deste ou daquele produto. Interessava-se por tudo. Lia a fórmula medicamentosa. Examinava a bula, a literatura, tudo.

Depois, que acabei de falar, ele começou. Pegando vidro por vidro, caixa por caixa, das drogas cuja amostra eu lhe oferecia, sobre elas, deu-me verdadeira aula teórica. Aprendi mais com ele, naquele instante, do que, na realidade, durante dois anos de contato direto com o departamento químico do laboratório que representava. Deixei o meu consultório absolutamente certo de que aquele homem, pelo talento vigoroso do cérebro, pela vivacidade incommon do espírito, estava destinado a tornar-se, dentro em pouco, um dos maiores médicos desta terra de grandes médicos.

Desde aí nunca mais o perdi de vista. Tenho acompanhado, quase comovido, a vertiginosa ascensão do seu nome e da sua fama na hegemonia da medicina campineira. E verifico, cheio de entusiasmo, que o meu vaticínio cumpriu-se, nele, por inteiro. Teixeira Camargo é, hoje, um dos pontos mais altos da ciência médica local. Dono de memória prodigiosa, é capaz de lembrar-se, em revista mental, de todos os clientes que teve durante o ano. Mais do que isso: é capaz de recordar-se das drogas que prescreveu a cada um deles.

O término do ano, na clínica do Doutor Zenê

— Paulo Lemos —



Dia 31 de dezembro p.p., levamos a José Emmanuel Teixeira de Camargo, essa criatura humana que tão útil tem sido à comunidade no meio da qual vive como verdadeiro apóstolo da medicina, o abraço fraterno e amigo, com o qual costumamos brindar dentro de nossas possibilidades, pessoas que admiramos, no último dia de cada ano.

Fizemo-lo, como é do nosso hábito, prazientemente. Apenas, não pudemos fazê-lo em sua residência para onde nos havíamos dirigido, porque, segundo Dona Olenka, sua digníssima esposa, o eminente amigo se encontrava, na ocasião, reunido com colegas de profissão em sua clínica particular, à Rua Culto à Ciência, em confluência com Hércules Florence.

Ato contínuo, demandamo-nos para o local dessa reunião tradicional onde, agradavelmente, fomos nos defrontar com outras pessoas que tanto admiramos no exercício de uma profissão hoje tão comprometida pelo abuso de uns e pela imprevidência de outros.

Lá tivemos a satisfação de ver os amigos, professor Paulo Mangabeira Albernaz, Francisco José Monteiro Salles, Hélon G. Fagundes, José Alfio Plason, Luis Abdala, Antonio Carlos Baccill e o odontólogo José Eduardo A.T. Camargo, todos exemplos profissionais que nobilitam a classe médica e odontológica de Campinas, a cidade ciosa de cultivar os valores profissionais que lhe servem no capítulo humanístico de suas realizações.

Foi, como dissemos, um encontro feliz, pois, segundo o provérbio, com uma cajadada mata-se muitos coelhos, lá tivemos a oportunidade, de num só instante, poder estender o nosso gesto de admiração pessoal a esses amigos, cuja convivência no exercício profissional marcou em nossa vida sulcos profundos de saudade de tempos felizes que não voltam mais. Em outra circunstância esse encontro seria impossível. O Plason, por exemplo, nosso companheiro de infância, raramente temos tido a oportunidade de ver, assim como ocorre com Monteiro Salles, outro, cujos trabalhos lhe absorvem todo o tempo de sua vibrante e conscienciosa vida profissional.

Luis Abdala, Hélon G. Fagundes e Antonio Carlos Baccill, temos visto e conversado com alguma frequência. Ai, o retrato vivo deste quadro, ou melhor, o retrato vivo de uma época. Agradou-nos muito ver Plason se apresentar nessa reunião em companhia de sua dileta filha, Maria Angela B. Plason Teixeira, médica, também, inclusive com o seu assistente, Dr. Celso Arruda, ambos integrantes do grupo de médicos do Edifício São Carlos, cuja reunião Dr. Zenê promoveu nas dependências de sua clínica particular. Felizes, portanto, aqueles que possam viver os momentos agradáveis de uma tertúlia sugestiva como essa.

De uma reunião amiga no verdadeiro sentido de sua objetividade, no término de um ano sedento de esperanças, para dar ao ano sucessor, no caso, este dentro do qual já nos encontramos, um pouco do muito que tentou em vão realizar.

Que Deus Nosso Senhor dê-nos, agora, essa oportunidade. Que os dias do amanhã ofereçam ao mundo algo melhor, mais humano, mais compreensivo, mais claro, em todos os sentidos. Que a insatisfação que tanto desassossega as pessoas mal assistidas, a ponto de as comprometer no terreno de ambições pecuniárias sem limites, encontre enfim a razão da lógica e do bom senso. Que a humanidade se entenda melhor, jamais se desajustando. Que os médicos se convençam de que são médicos por força de uma determinação superior. Que não se fizeram discípulos de Hipócrates por simples acaso. Foram destinados para o exercício dessa nobre profissão como todas as criaturas humanas são destinadas para diferentes mistérios.

A questão está, apenas, em procurarmos compreender bem as leis da espiritualidade, cujo avanço na consciência do homem é hoje uma realidade incontestável. Felizes dos que mesmo não entendendo ou não procurando entender, chegam pelo menos a dar de si para o próximo carente de assistência, aquilo que a geração de ontem soube dar no sentido profissional.

Por isso, amigos, alegramo-nos muito com a reunião que motivou este artigo. Nela, como dissemos, só encontramos figuras humanas excepcionais, divorciadas completamente dos males da época. Diríamos, êmulos de grandes vultos da medicina campineira, onde pontilhou com tanta sobriedade, proficiência, zelo e dignidade profissional, um Barbosa de Barros, um Mário Gatti, um Liráucio Gomes, um Hermas de Carvalho Braga, um Armando Rocha Brito e outros tantos, cujos nomes deixamos aqui de mencionar para evitarmos que, involuntariamente, cometamos o crime deselegante e ingrato da omissão.

Ao doutor Zenê, portanto, e aos seus ilustres conivias, aqui deixamos, mais uma vez, as nossas sinceras congratulações, com votos de que o ano em curso lhes proporcione a tranquilidade de que o mundo tanto carece nos dias difíceis e conturbados de hoje.



Também a sua existência divide-se em duas partes distintas: a do consultório, no convívio da sua enorme clientela; e a do lar, no concheio amorável da família e dos livros. Não é homem de clubes. Nem de campos de futebol. Nem de prados de corridas. É homem de ciência inteiramente voltado para a ciência. Estuda, em média, cinco horas por noite. E está, por isso mesmo, ao par da evolução mundial da medicina. — pelo menos na parte referente à sua especialidade.

Desde estudante levava as coisas a sério. Não perdia tempo com futilidades. Lia, indagava, pesquisava, perquiria, com a mesma sede de saber que ainda agora o tortura. E, por isso, mal saído da escola, levantara em 1935, com uma tese sobre fisiologia, o prêmio "Etiocles Gomes" na sociedade de medicina de São Paulo. Levantara, depois, com o mesmo brilhantismo, com outra tese sobre obesidade, o prêmio "Miguel Couto" da academia nacional de medicina.

Conferencista de méritos reconhecidos e proclamados, tem ele levado, pelo veículo ativo da palavra empolgante, os grandes conhecimentos científicos que possui à admiração respeitosa de inúmeras entidades médicas de inferior e das capitais estaduais do país. E em todos esses lugares, onde tem falado, deixou funda na consciência da classe e na alma do povo, que o escutaram, a lição jamais desmentida da sua cultura de espírito e da sua bondade de coração.

Certa feita apareceu diabético. Havia no meu corpo uma usina atíva a despejar-me incessantemente, agrido o drama alarmante da minha saúde. Ele sorriu, encoçou os ombros, e disse-me, fazendo blague: — Costumo comparar o diabético a um Banco. É preciso ver, nele, quanto entra e quanto sai.

Pedi-me exames auxiliares. Submeteu-me, depois, a tratamento sistemático. Deu-me um regime alimentar que me obrigava, quase, a carregar no bolso uma balança para o peso exato da comida exata. Fechou, assim, por claudesquina, a usina orgânica que fornecia açúcar ao meu sangue. E, para falar com franqueza, não me xeu num centavo do dinheiro que havia, acaso, no Banco.

★
É esse médico incomparável, é esse homem generoso e humano, é esse amigo de todas as horas, que está fazendo anos hoje. Esse apostolo da ciência e do lar. Será ele, pois, no dia de hoje, sobremancira cumprimentado. Não estarei aí para abraçá-lo. Mas mando-lhe daqui, a alma transbordante de júbilo, o coração repassado de emoções definidas, a lembrancinha simples desta homenagem de carinho, mais do que isso, desta homenagem de gratidão.

Que Deus, nosso Senhor, o abençoe e proteja, dando-lhe, em alegria e esperança, a esperança e a alegria que ele tem repartido, na intimidade do seu consultório, com a sua mão de santo da ciência, a família anônima de todos os doentes que hajam cruzado, acaso, com ele; pelos caminhos invios do mundo!

Que Deus o abençoe e proteja!

Homem de Ciência

Paranhos de Siqueira

S. PAULO, 3 — Entre os ofícios a que, por força das circunstâncias, fui levado a praticar na vida, destaco, com assomos de saudade e simpatia, o de representante de drogas farmacêuticas. A essa função, na verdade penosa, e para a qual, — é preciso que se diga, — eu tinha acenhuados penhores de espírito, devo os maiores amigos que possuo, ainda hoje, no corpo da sociedade campineira.

Havia médicos que não recebiam representantes de drogas. Mas eu os visitava. E se, no decurso dessas visitas, falávamos pouco de remédios, de colágenos, de antiespasmódicos, de antibióticos, não deixávamos de falar sobre política, sobre letras, sobre artes e assuntos sociais. Nenhum deles prestava grande atenção aos folhetos de propaganda que a gente lhe entregava. Pergava aquilo apenas por dever de profissão. E derivava, logo, a conversa para a posição da Ponte Preta ou do Guarani na tabela do campeonato ou para as probabilidades de vitória dos cavalos que correriam no domingo seguinte.

Eu já estava habituado com aquilo. Certo dia, passando pela rua Regente Feijó, entre Treze de Maio e Campos Sales, topei, aí, num batente de porta, com a placa nova de um médico novo. Chamava-se José Emanuel Teixeira de Camargo. Entrei. Subi um estrão de escadas. E fui recebido pelo homem. Moco, rosto de artista cinematográfico, deu-me ele a melhor das impressões. Espantou-me, desde logo, a atenção desimpulmana que ele prestava às explicações que eu lhe dava a respeito deste ou daquele produto. Interessava-se por tudo. Lia a fórmula medicamentosa. Examinava a bula, a literatura, tudo.

Depois, que acabei de falar, ele começou, pegando vidro por vidro, caixa por caixa, das drogas cuja anotação eu lhe oferecia, sobre elas, deu-me verdadeira aula teórica. Aprendi mais com ele, naquele instante, do que, na realidade, durante dois anos de contato direto com o departamento químico do laboratório que representava. Dei-lhe o seu consultório absolutamente certo de que aquele homem, pelo talento vigoroso do cérebro, pela vivacidade incomum do espírito, estava destinado a tornar-se, dentro em pouco, um dos maiores médicos desta terra de grandes médicos.

Desde aí nunca mais o perdi de vista. Tenho acompanhado, quase comovido, a vertiginosa ascensão do seu nome e da sua fama na hegemonia da medicina campineira. E verifico, cheio de entusiasmo, que o meu velho amigo, cumprido-se, nele, por inteiro. Teixeira Camargo é hoje, um dos pontos mais altos da ciência médica local.

Dono de memória prodigiosa, é capaz de lembrar-se, em revista mental, de todos os clientes que teve durante o ano. Mais do que isso: é capaz de recordar-se das drogas que prescreveu a cada um deles.



Dr. José E. Teixeira de Camargo

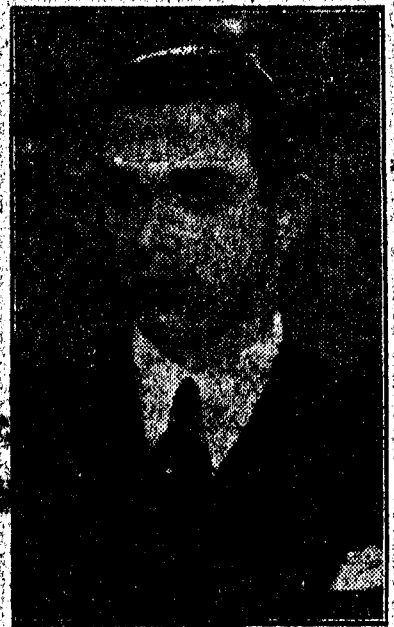
A colaboração científica aparecida no "Suplemento Literário" da "Gazeta de Limeira" é prestigiada sempre por nomes em evidência nas letras do país e do exterior.

Entre os colaboradores especializados do nosso quadro, contamos com a perla do médico residente entre nós, dr. José Teixeira de Camargo, um estudioso, incansável e profissional competíssimo.

O dr. José E. Teixeira de Camargo nasceu na vizinha cidade de Campinas, em agosto de 1908, e fez os seus estudos preparatórios no conhecido e respeitável Ginásio do Estado daquela cidade. Matriculou-se, a seguir, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde recebeu o título de Doutor em Medicina, com grande distinção, com a apresentação de sua tese: "Considerações em torno do metabolismo basal e da ação fisiológico-dinâmica dos alimentos", em 1933.

Em 1934, o dr. Teixeira de Camargo obteve o prêmio "Theocles de Alcântara Gomes", instituído pela Sociedade de Medicina da Cirurgia de São Paulo.

Em 1935 obteve, na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, o prêmio de endocrinologia "Miguel Couto" com a apresentação do seu importante trabalho científico: "Obesidade — seu estudo endócrino-metabólico".



Dr. José E. Teixeira de Camargo

O nosso abalizado colaborador tem escrito com frequência em revistas especializadas de medicina e na imprensa do país.

Foi durante vários anos, professor de Biologia da Escola Normal desta cidade, e desempenhou, durante cinco anos, as funções de médico sanitário do Centro de Saúde de Limeira, e aqui exerce, há mais de uma dezena de anos, a clínica geral e, particularmente, a especialidade de "Endocrinologia e Moléstias da nutrição", da qual é mui justamente considerado uma verdadeira autoridade.

Os livros de autoria do dr. José E. Teixeira de Camargo foram editados pela "Companhia Melhoramentos de São Paulo", e constituem um atestado vivo da sua capacidade profissional e cultural.

PAULISTA PREMIADO NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

O DR. JOSÉ EMMANUEL TEIXEIRA DE CAMARGO FOI AGRACIADO COM O PREMIO "MIGUEL COUTO"

Notícias vindas do Rio de Janeiro comunicam-nos ter sido conferido ao clínico paulista dr. José Emmanuel Teixeira de Camargo, o prêmio "Miguel Couto", instituído pela Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Esse facto é bem o atestado de valor profissional e científico de um illustre titulado que já, em 1934, teve oportunidade de conquistar o prêmio "Theocles Gomes", na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com o trabalho sobre "Metabolismo Basal e Ação Específica da Gordura dos Alimentos".

Essa distinção que acaba de ser conferida ao doutor paulista, não só é motivo de justo orgulho para a classe médica de São Paulo, onde o dr. Teixeira de Camargo, desde há muito se impoz.

Do parecer da Comissão Julgadora, constituída pelos professores Martagão Gesteira, Miguel Couto, Filho e Joaquim Moreira da Fonseca, que teve oportunidade de manifestar-se sobre o trabalho premiado — "A obesidade e seu estudo endócrino-metabólico", transcrevemos o seguinte trecho, que bem caracteriza o valor da obra de Teixeira de Camargo:

"A monographia apresentada compreende 259 paginas dactylographadas e contém alguns graphics e photographias interessantes. Versa sobre assumpto de actualidade, encarado sob ponto de vista dos modernos conhecimentos a respeito. O trabalho está bem conduzido, denunciando vasta cultura relativamente a endocrinologia e metabologia, cujas bases o A. maneja

com pleno conhecimento; assim, como apresenta idéas originaes, e se baseia em abundantes pesquisas e observações clinicas proprias. A sua exposição é clara e didactica e comprehende duas partes: a primeira, dividida em 7 capitulos e a segunda, abraçada em quatro. A memoria do seu autor, agrada sobretudo, e merece assinalar-se o cuidado de seu autor em apresentar as questões suscitadas de maneira criteriosa; emprestando ao trabalho um cunho proprio.

Na primeira parte estuda as alterações sob o ponto de vista da procura, classificando-as, apreendendo a sua natureza e a constituição; analisa os desvios dos processos endócrino-metabólicos na genese das obesidades; examina as repetições da obesidade em o organismo; apresenta a prophylaxia e expõe o tratamento faciendo, por fim, uma synthese diagnostico-therapeutica de alguns dos principaes syndromos adiposos.

Na segunda parte, a que denomina appendice, estuda a chimica e o metabolismo intermediario das gorduras e energia organica, seu consumo e sua origem. Todos esses diferentes capitulos, cuja importancia resalta claramente do enunciado de seus respectivos titulos, manifestam profundo conhecimento do autor sobre a materia em apreço e obedecem a uma exposição methodica.

O referido parecer, que foi approvedo unanimemente, resultou na outorga do premio da Sección de Endocrinologia e bio-therapeutica ao dr. Teixeira de Camargo, elevando, assim, o nome da medicina paulista no concertto nacional.

June
C. Seng

A. Cuy 14 05 1990

15.02.1991

S. V. Lagala

Al Funnert
N. 2407 1894 M. Allen
P. 2402 1965